

**MÁRIO DE ANDRADE E A NACIONALIDADE**Suzana Oliveira Martins<sup>1</sup>**Resumo**

Este trabalho tem por finalidade apresentar a vida e obra de um dos mais célebres e importantes autores da Literatura Brasileira, em especial da Literatura Modernista, Mário de Andrade. Autor entre os que mais propuseram a inovação na literatura brasileira com o intuito de nacionalizar a nossa literatura, ou seja, com o desejo de instaurar em nossa literatura a literatura nacional brasileira. Ao conhecer sua vida e sua obra temos por objetivos conhecer os motivos que o levaram ao desejo de instauração da literatura nacional em nossa cultura e conhecer também as suas principais características, bem como as principais características de suas obras, que foram inúmeras, desde a poesia até as crônicas.

**Palavras-chave:** Nacionalidade; Folclore; Modernismo; Cultura; Regionalismo.

**Abstract**

This work has for purpose to present the life and work of one of the most celebrated and important authors of the Brazilian Literature, especially of Modernist Literature, Mário of Andrade. Author among the ones that more proposed the innovation in the Brazilian literature with the intention of nationalizing our literature, in other words, with the desire to establish in our literature the Brazilian national literature. When knowing your life and your work we have for objectives to know the reasons that took him to the desire installment by the national literature in our culture and also know your main characteristic, as well as the main points of your works, that were countless, from the poetry to the chronicles.

**Key-word-:** Nationality; Folklore; Modernism; Culture; Regionalism.

**1. INTRODUÇÃO**

Mário de Andrade, um dos mais célebres escritores da literatura brasileira, foi um grande pesquisador de nossa cultura e buscou renovar a arte brasileira. Foi o autor que mais teve influência no Modernismo, buscando introduzir uma cultura e literatura totalmente nacional, sem influências de outras culturas. Mário tinha um grande sentimento de nacionalidade e patriotismo por seu país.

Teve grande participação social na vida pública, participando e contribuindo de diversas maneiras. Foi professor e atuou em vários jornais e revistas, onde publicava seus artigos. Um dos escritores mais fecundos de nossa literatura, escreveu poesias, contos, romance, ensaios, crônicas. Deixou-nos uma vasta coleção de obras publicadas, antes e após a sua morte. Uma de suas principais obras é *Macunaíma*, em que ele retrata a população e os costumes do povo brasileiro, sendo a obra que mais o caracteriza como possuidor de um espírito nacionalista. Além disso, era muito crítico em relação às obras de outros escritores, fazendo algumas críticas em suas obras e considerava a arte como uma manifestação do povo, um meio de expressarem seus pensamentos e sentimentos, inclusive, utilizava os seus livros para se expressar e demonstrar os seus sentimentos em relação aos acontecimentos de sua época.

Conhecer sobre esse grande escritor, sobre suas principais obras e características que o descrevem e o transformam em um grande escritor nos proporcionará conhecer um pouco mais sobre o nosso país, sobre sua história, seu povo, seus costumes. Nos proporcionará conhecer a nossa própria história, o que será o grande objetivo desse trabalho. Conhecer-nos e despertar em nós mesmos o mesmo espírito de nacionalidade e patriotismo que Mário de Andrade cultivava em seus pensamentos e atitudes.

**2. MÁRIO DE ANDRADE: SUA VIDA E SUA OBRA**

Mário Raul de Moraes Andrade, conhecido por Mário de Andrade, nasceu em 1893, em São Paulo e lá também morreu em 1945.

Foi um grande pesquisador e escreveu sobre folclore, música, pintura, literatura, sendo um dos que mais lutou pela renovação da arte brasileira. Exerceu muita influência no desenvolvimento do movimento modernista, apresentando o projeto mais consistente de renovação dizendo que “*o passado é lição para se meditar e não*

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras; AJES – Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena; Juína – MT; e-mail: suzanao20@hotmail.com

para se reproduzir”<sup>2</sup> e com isso afirmava a necessidade de um presente novo, de uma inovação da literatura brasileira, com um sentido de nacionalidade brasileira.

Segundo Madeira & Veloso (2000), leu e pesquisou tudo o que podia: Marx, Freud, Frazer, Lévi-Bruhl, Durkein. Conheceu também sociólogos e antropólogos brasileiros como Manoel Bomfim, Gilberto Freyre, Câmara Cascudo e Oliveira Viana.

Mário, juntamente com outros escritores, realizou uma viagem pelo interior de Minas Gerais, aproximando-se do folclore, assunto abordado em muitas das suas obras. Nas quais o advérbio onde só deve ser empregado em se tratando de indicação de lugar no sentido geográfico), ainda de acordo com Madeira e Veloso (2000), desenvolve uma profunda obsessão pela cultura brasileira e tinha um projeto de fazer com que o povo vivesse sua cultura, pois só assim poderia se reconhecer como nação. Em relação a sua visão sobre a arte,

Construiu uma posição política firme a respeito da arte, vista por ele como prática cultural extremamente relevante para a organização da vida coletiva. Por essa mesma razão, entende que a expressão artística deve revelar um compromisso social, e o sentido social da arte, segundo sua concepção, atinge sua plenitude quando consegue expressar um sentido público e coletivo<sup>3</sup>.

Foi, portanto, um grande defensor da vida pública e das manifestações coletivas, centrando seu interesse na língua falada, nos ritos sociais; como os folguedos, as danças dramáticas, a literatura de cordel, os cantadores populares, conforme nos informa Madeira e Veloso (2000).

De acordo com Rodrigues et al. (1979), ele colaborava com jornais através de suas crônicas. Com a seção “Táxi”, no Diário Nacional, jornal fundado para servir como porta-voz do Partido Democrático, ele demonstra a sua paixão pela crônica, sendo um participante do efervescente processo político-social que desembocaria na revolução de 1930. Seu entusiasmo pelo momento histórico era contagiante e passava isso aos seus leitores, procurando despertar a visão crítica da sociedade.

Rodrigues et. al. (1979) também nos informa que, entre 1935 e 1938, foi convidado por Paulo Duarte para organizar e dirigir o Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, mas com a Ditadura do Estado Novo, é posto para fora do Departamento e, na impossibilidade de permanecer até na Divisão de Expansão Cultural, por incompatibilidade política, licencia-se e emigra, em semi-exílio, para o Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro, com a ajuda de seu amigo Gustavo Capanema, Ministro da Educação da Ditadura Getulista, torna-se professor de Estética da Universidade Federal, e em 1939 é nomeado chefe de seção do Instituto Nacional do Livro, encarregado de elaborar o projeto da Enciclopédia Brasileira, que não foi concretizado. Mário passa a beber mais do que vivia e exigia o seu gosto apurado pelo bom vinho.

Retorna a São Paulo e não aceita colaborar em revistas e jornais, por não poder mais expor seus sentimentos. Viaja pelo norte do país, realizando pesquisas histórico-artísticas, restaurando-lhe o ânimo para voltar a São Paulo e continuar a escrever.

A partir de 4 de maio até 22 de fevereiro de 1945, Mário mantém na *Folha da Manhã* a coluna *Mundo Musical*, onde publicava artigos que foram publicados postumamente, formando *O Banquete*, que pode ser visto como um seriíssimo testamento artístico, com seus depoimentos e sátiras sobre certos comportamentos típicos no tempo da ditadura estadonovista.

Antes de morrer, serviu ainda como orientador estético e ideológico na preparação do 1º Congresso de Escritores Brasileiros, realizados (Por que o s?) em janeiro de 1945, que foi lido por Dyonélio Machado. Mário muito feliz ficara ao ouvir seus experimentos e pregações de tantos anos, mas não viveu para ver a queda do regime que tanto o repugnava. Mário, na noite do domingo de 22 de fevereiro de 1945, morreu enquanto tomava chá com o seu amigo Luís Saia.

Um dos escritores mais fecundos de nossa literatura escreveu poesias, contos, romance, ensaios, crônicas. Deixou-nos uma vasta coleção de obras publicadas, antes e após a sua morte. De sua produção literária, destacam-se as seguintes obras<sup>4</sup>:

- **Poesia:** Há uma gota de sangue em cada poema (1917), Paulicéia desvairada (1922), Losango Cáqui (1926), Clã do Jabuti (1927), Remate dos males (1930), Poesias (1941), Lira Paulistana (1946), O carro da Miséria (1946), Poesias completas (1955).

<sup>2</sup> RODRIGUES, A. Medina; CASTRO, Dácio A.; TEIXEIRA, Ivam P. Antologia da Literatura Brasileira – O Modernismo, textos comentados, vol. II, São Paulo: Marco Editorial, 1979. p. 96.

<sup>3</sup> MADEIRA, Angélica; VELOSO, Mariza. Leituras brasileiras – itinerários no pensamento social e na literatura. 2ª ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 113.

<sup>4</sup> RODRIGUES, A. Medina, CASTRO, Dácio A., TEIXEIRA, Ivam P. Antologia da Literatura Brasileira – O Modernismo, textos comentados, vol. II, São Paulo: Marco Editorial, 1979. p. 95.

- **Conto:** Primeiro andar (1926), Belazarte (1934), Contos novos (1946).
- **Romance:** Amar, verbo intransitivo (1927), Macunaíma (1928).
- **Ensaio:** A escrava que não é Isaura (1925), O Aleijadinho e Álvares de Azevedo (1935), O Baile das Quatro Artes (1943), Aspectos da Literatura Brasileira (1943), O empalhador de passarinhos (1944), O Banquete (1978).
- **Crônicas:** Os filhos da Candinha (1943).
- **Musicologia e Folclore:** Ensaios sobre a música brasileira (1928), Compêndio de História da Música (1929), Modinhas e Lundus Imperiais (1930), Música, doce música (1933), Namoros com a Medicina (1939), Música do Brasil (1941), Danças dramáticas do Brasil (3 vol. 1959), Músicas de feitiçaria (1963).
- **História da Arte:** Padre Jesuíno de Monte Carmelo (1946) e um grande número de opúsculos folhetos, etc., reunidos em volumes nas Obras Completas.

### 3. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE MÁRIO DE ANDRADE

Mário de Andrade foi um grande expoente singular do Movimento Modernista Brasileiro. Ocupou singular importância nas décadas de 20, 30 e 40, onde com seu jeito simples, sua coloquialidade, desentulhou o espírito nacional de uma montanha de preconceitos arcaicos<sup>5</sup>, melhor explicando, ele foi o autor que mais preconizou a mudança da nossa literatura propondo uma nova literatura brasileira totalmente nacional.

Mário desejava que a arte, especialmente a literatura feita no Brasil, se tornasse nacionalista, para que pudesse atingir o universal. O nacionalismo se apresenta como uma etapa primeira de auto-descobrimto, proporcionado pela criação artística<sup>6</sup>.

Como mencionado anteriormente, Mário de Andrade é obcecado pela questão da cultura brasileira e com isso quer fazer com que o povo viva a sua cultura, pois só assim poderá se reconhecer como nação. Acreditava que, por meio dessa vivência-reconhecimento, seria possível a superação dialética da história, o que possibilitaria a existência de mutações, progresso e evolução, visando à “melhoria da humanidade”, como ele próprio se exprimiria<sup>7</sup>.

Para isso, Mário viajou muito pelo país, especialmente o norte e o nordeste do Brasil, estudando as culturas, os costumes, as tradições populares brasileiras, o folclore, enfim, tudo que se refere e pertence ao Brasil. Suas obras possuem a riqueza da formação intelectual, que tematizava em profundidade os conceitos de cultura, símbolo, arte, estética, ética e folclore, e que, a partir daí, elaborou uma definição de cultura brasileira.

O ritmo e o volume da criação de Mário de Andrade são surpreendentes, frutos não só de imensa criatividade, mas também da acurada capacidade de observação, às quais deve ser agregada a apreciável cultura geral de que era detentor<sup>8</sup>.

Mário se preocupa tanto com a criação estética, que é muito comum encontrar em muitos dos seus trabalhos uma reflexão sobre a técnica utilizada por outros artistas em suas criações.

Talvez o que mais caracterize Mário de Andrade como escritor seja o seu permanente espírito crítico, que se manifesta não só na análise de obras alheias, mas também na sua própria obra artística, numa constante autocrítica e experimentação de processos<sup>9</sup>.

Os seus ensaios críticos são construídos como páginas de ficção, sem que por isso deixe de ter uma visão poética das coisas; nas suas poesias também está presente o contingente crítico e polêmico.

Mesmo assim, Mário

se sentia mais criador do que crítico, embora tivesse sido na prática mais crítico do que criador. Não somente por haver exercido as diversas críticas em todo o decorrer de sua carreira de escritor, mas também porque a sua própria ficção, a sua própria poesia, como ficou dito, estão impregnadas de crítica. Mário de Andrade criava criticando e criticava criando<sup>10</sup>.

<sup>5</sup> RODRIGUES, A. Medina, CASTRO, Dácio A., TEIXEIRA, Ivam P. Antologia da Literatura Brasileira – O Modernismo, textos comentados, vol. II, São Paulo: Marco Editorial, 1979. p. 96.

<sup>6</sup> MADEIRA, Angélica; VELOSO, Mariza. Leituras brasileiras – itinerários no pensamento social e na literatura. 2ª ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 128.

<sup>7</sup> Ibid, 2000, p. 112.

<sup>8</sup> Ibid, 2000, p. 114

<sup>9</sup> COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil – Era modernista, Vol. V, Estilos de época, Parte II, 6. ed., São Paulo: Global Editora, 2001. p. 289.

<sup>10</sup> MARTINS, Wilson. O Modernismo (1916 – 1945) Vol. II, 3. ed. at. São Paulo: Cultrix. p. 238.

Diante desta postura crítica, Mário procura construir uma posição crível sobre o povo brasileiro, de constituição mestiça, expressa na maioria de suas obras. Interessava-se muito pelas tradições patrimoniais, pelos registros deixados na arquitetura, na pintura e no mobiliário, nas atividades técnicas e estéticas, valores e crenças. Interessava-se por todas as manifestações culturais capazes de revelar a singularidade de um povo.

Para Mário de Andrade, a arte significava expressão coletiva, manifestação da comunidade, da cultura e concebia cultura como o espaço no qual se desdobram o pensamento e as práticas sociais que constroem formas de classificação coletiva.

Por ser fenômeno coletivo, a arte é capaz de expressar os sintomas de cultura, pois representa a síntese, traz a marca da singularidade do artista e da obra, inserido em sua língua, em sua cultura, em seu tempo e em seu país<sup>11</sup>.

A importância dada por Mário à arte e cultura revela uma importante descoberta do Barroco na constituição de suas proposições, realizando assim como os outros modernistas uma antropofagia da tradição barroca no Brasil, selecionando aspectos relevantes para a cultura brasileira.

Destacam-se manifestações históricas e estéticas do Barroco, entendido como um lugar produtor de sentido, um ponto de convergência para observação e reflexão de vários intelectuais modernistas. O Barroco traz a lembrança do passado, transformando-o em agora. Ilumina também a idéia de uma arte vivida, suscitando um conjunto completo de manifestações simbólicas e rituais, que configuram o período. (...) <sup>12</sup>.

Mário procura trazer novamente o momento em que a arte e a cultura estavam entrelaçadas. Durante o século XVI e XIX, no Brasil Colonial, há um acervo significativo de obras arquitetônicas e musicais, narrativas e imagens que representam a cultura brasileira.

Mário quer compreender a cultura brasileira e, mais do que isso, quer construí-la, nomeá-la, desvendá-la e face. E, num primeiro momento, foi o folclore a via que lhe permitiu compreender o contexto nacional. O folclore lhe ofereceu a medida da cultura do povo, por ser expressão autêntica que abriga reações de caráter ético-religioso, crítico e afetivo. O folclore é um importante elemento mediador na concepção de cultura brasileira. Era preciso conhecer a cultura brasileira e a força de sua vertente; pesquisar as fontes e transformar o estudo do folclore em prática científica, institucional e artística, pensava Mário<sup>13</sup>.

Ele não via de forma negativa o primitivismo da cultura brasileira, e sim, compreendia como primitivo aquele povo ou indivíduo que tinha condições de preservar os valores e práticas reveladores de sensibilidade estética. Ele via no índio brasileiro um meio de conhecer o passado do Brasil, e deles ele retirou as idéias de desapego, valentia, estoicismo e indolência.

Mário concebia a cultura brasileira como uma simples soma de partes, mas como um processo de relações sociais em transformação. É no jogo das diferenças entre as culturas, no contato e confronto entre as etnias negra, branca e ameríndia que ele julga estar a riqueza da cultura brasileira.

*Creemos que é assim que Mário de Andrade quer conceber a cultura brasileira como confronto, diferença, fraturas, continuidade, um projeto de constituição permanente, messiânico, público*<sup>14</sup>.

Mário descarta completamente o nacionalismo caipira, pois segundo ele, reduz a dimensão nacional do povo a uma noção preconcebida de pátria. A sua posição quanto à noção de pátria leva-o a rejeitar qualquer proposta regionalista, e com isso, critica o regionalismo de Euclides da Cunha e Gilberto Freyre, onde ele os considerava com uma visão apoteótica do nordestino e do patriarcalismo rural.

Mário é contra a noção de pátria e contra o regionalismo, isto é, procura afugentar de sua perspectiva qualquer idéia restritiva a uma concepção universalista da cultura brasileira. Ao longo de sua vida, procurou identificar tal universalidade nas manifestações particulares, especialmente nas expressões estéticas<sup>15</sup>.

<sup>11</sup> MADEIRA, Angélica; VELOSO, Mariza. Leituras brasileiras – itinerários no pensamento social e na literatura. 2ª ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 119.

<sup>12</sup> MADEIRA, Angélica & VELOSO, Mariza. Leituras brasileiras – itinerários no pensamento social e na literatura. 2ª ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 120.

<sup>13</sup> . Ibid, 2000. p. 123-124.

<sup>14</sup> FILHO, Guimarães. 1974, apud MADEIRA, Angélica & VELOSO, Mariza. Leituras brasileiras – itinerários no pensamento social e na literatura. 2ª ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 128.

<sup>15</sup> MADEIRA, Angélica & VELOSO, Mariza. Leituras brasileiras – itinerários no pensamento social e na literatura. 2ª ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 130.



Mário desempenhou um papel decisivo na constituição do patrimônio histórico e artístico, e procurava manter acesa a aura do tempo, da arte e da vida coletiva.

Tinha clara consciência de que poucos conheciam os monumentos arquitetônicos pertencentes à cultura brasileira. Acreditava que era urgente e necessário que o povo tivesse consciência de sua cultura, sua malha simbólica formada por valores referenciais fornecidos pela tradição<sup>16</sup>.

#### 4. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS EM ALGUMAS DE SUAS OBRAS

Destacaremos aqui um pequeno resumo das principais características gerais presentes na obra andradeana. As características a seguir são todas expostas de acordo com a opinião de Afrânio Coutinho (2001), em sua obra *A Literatura no Brasil – Era modernista*:

- A adjetivação de Mário de Andrade é núcleo de imagens que caracterizam a sua penetrante visão analítico-satírica. (...)
- (...) A frequência de adjetivos em –ente, configurando a momentaneidade da ação, surpreendia no instante em que se realiza, acentua o caráter existencial da literatura moderna. (...)
- (...) As construções adverbiais têm conotações líricas que organizam a atmosfera e os personagens. (...)
- (...) Quanto ao neologismo, Mário de Andrade confessa que nunca procurou criá-la. Aceita-o (“Nasce sem que eu queira, para a expressão. Aceito-o. É certo que o dicionário é insuficiente. Mas não tenho a mínima pretensão de criar palavras novas para o povo e para a língua.” “Meu neologismo tem a vida no momento em que dele preciso. É possível que esse momento não volte nunca mais... Pois viverá uma só vez). (...)
- (...) Quanto à pontuação, é organizada pelo ritmo. (...) Só a usa para a clareza do discursivo, ou como descanso rítmico expressivo. E comenta também nessa oportunidade, o abandono da pontuação quando as frases se amontoam, polifônicas, no simultaneísmo, uma das suas mais frequentes experimentações de reestruturação do discurso narrativo, para fazer frente à congelamento dos significados socialmente autorizados<sup>17</sup>.

Agora iremos conhecer as características de algumas de suas principais obras mais conhecida de acordo com Tufano (1996), em sua obra *Estudos de Literatura brasileira*.

No seu primeiro livro de poesia – Há uma gota de sangue em cada poema – o estilo ainda não é tão original. O tema da obra gira em torno da guerra. (...) Em *Paulicéia desvairada* começa, a bem dizer, a originalidade poética de Mário de Andrade. Sua linguagem é agressiva e seus poemas verdadeiros são verdadeiros ataques à burguesia paulista, às pessoas que vivem em função do dinheiro e da ostentação da riqueza, presas a hipócritas convenções sociais. (...) Em *Clã do Jabuti* há um bom aproveitamento de temas populares extraídos, sobretudo do folclore. Além disso, está presente também a preocupação do poeta com os destinos do homem. (...) Em *Remates dos Males*, sua expressão poética se torna mais lírica e simples, predominam a preocupação com a vida e o lirismo amoroso dos “Poemas da negra” e dos “Poemas da amiga”. (...) Seus últimos livros – *A costela do grão cão*, *Livro azul*, *O carro da miséria* e *Lira Paulistana* – contêm poemas de valor desigual, mas em que estão presentes as preocupações com problemas sociais ao lado de reflexões amarguradas sobre a vida<sup>18</sup>.

Em *Amar, verbo intransitivo*, Mário narra a história de uma governanta alemã, Fraulein, contratada pelo Sr. Felisberto Sousa Costa, um burguês bem posto na vida, para dar iniciação sexual ao primogênito da família, o jovem Carlos. Dessa maneira, o pai tentava proteger o filho das explorações e das doenças das mulheres da vida.

A trama na verdade serve de contraponto para Mário desenvolver processos psicanalíticos freudianos aplicados à literatura. Através dos desmascaramentos das relações familiares, típicas da hipocrisia burguesa, Mário de Andrade vai construindo situações que ilustram os recalques, as sublimações, as regressões, as fixações e os demais desvios provocados pela maior ou menor aproximação da libido<sup>19</sup>.

Essas foram apenas algumas das obras de Mário de Andrade, entre muitas outras já citadas anteriormente. Entretanto, há uma obra dele que o consagrou como escritor, ou seja, a sua obra mais importante que é *Macunaíma*. Falaremos agora um pouco dessa grande obra de Mário de Andrade.

#### 5. MACUNAÍMA – O HERÓI SEM NENHUM CARÁTER

<sup>16</sup> Ibid, 2000. p. 133.

<sup>17</sup> COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil – Era modernista*, Vol. V, Estilos de época, Parte II, 6. ed., São Paulo: Global Editora, 2001. p. 298-299.

<sup>18</sup> TUFANO, Douglas. *Estudos de Literatura brasileira*. 5. ed. rev. e amp. São Paulo: Editora Moderna, 1996. p. 240-241.

<sup>19</sup> RODRIGUES, A. Medina, CASTRO, Dácio A., TEIXEIRA, Ivam P. *Antologia da Literatura Brasileira – O Modernismo*, textos comentados, vol. II, São Paulo: Marco Editorial, 1979. p. 98.

Segundo Rodrigues et. al. (1979), Mário de Andrade passando uma temporada na chácara de seu primo Pio Lourenço Correa em Araraquara, em dezembro de 1926, redige a primeira versão de *Macunaíma* em apenas uma semana. Descreve o perfil multifacetado do indolente, brigão, covarde, sincero, mentiroso, trabalhador, preguiçoso e malando Macunaíma, o herói de nossa gente. Os seus últimos retoques foram feitos e em 1927 conclui a sua obra.

Vejam os resumos e comentários da obra *Macunaíma*, feito por Tufano (1996):

“Chamado de rapsódia por Mário de Andrade, *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter, é construído a partir de uma série de lendas a que se misturam superstições, provérbios e anedotas. O tempo e o espaço não obedecem a regras de verossimilhança, e o fantástico se confunde com o real durante toda a narrativa. (...) Macunaíma nasce índio-negro, fica depois de olhos azuis quando chega ao planalto, enquanto os irmãos do mesmo sangue, um fica índio e outro negro. E continuam irmãos. Macunaíma, entretanto, não adquire alma européia. É branco só na pele e nos hábitos. A alma é uma mistura de tudo. O próprio nome de Macunaíma foi escolhido porque não é só do Brasil, é da Venezuela também, e o herói, não achando mais a própria consciência, usa a de um hispano-americano e se dá bem do mesmo jeito.

A ausência de caráter do herói, sua preguiça e malícia, seu individualismo, tudo isso pode ser visto como o resultado confuso da influência de várias culturas mal assimiladas; e nesse sentido Macunaíma passa a constituir uma espécie de personificação do Brasil. O herói se caracteriza exatamente pelo comportamento ilógico. Aliás, nas próprias palavras de Mário de Andrade: É justo nisso que está a lógica de Macunaíma: em não ter lógica. Macunaíma é uma contradição de si mesmo. O caráter que demonstra num capítulo, ele desfaz noutro.”

Mas não é só no desenvolvimento do tema que essa obra se destaca; partindo de sérios estudos sobre folclore e sobre nossa literatura oral, Mário de Andrade elaborou uma linguagem riquíssima, composta de regionalismo de todas as partes do Brasil, criou palavras, utilizou abundantemente provérbios, modismo e ditados populares.

O enredo central, frequentemente interrompido pela narração de casos ou lendas, é bem simples: Macunaíma tenta reaver o amuleto prodigioso (a muiraquitã), que ganhara de sua mulher Ci, Mãe do mato, único amor sincero de sua vida, e que por desgosto pela morte do filho pequeno subiu aos céus e transformou-se na estrela Beta do Centauro. Macunaíma havia perdido esse amuleto que acabou ficando em poder do gigante Piaimã, em São Paulo. Depois de várias façanhas junto com seus irmãos Maanape e Jiguê, Macunaíma recupera o amuleto. Porém, após novas aventuras, agora sozinho, pois os irmãos haviam morrido, Macunaíma enganado pela Uiara (divindade que vive nos rios e lagos), perde novamente a muiraquitã e fica todo machucado, perdendo inclusive uma perna. Desiludido, resolve abandonar este mundo e subir aos céus, onde é transformado em constelação: “A Ursa Maior é Macunaíma. É mesmo o herói capenga que de tanto penar na Terra sem saúde e com muita saúva, se aborreceu de tudo, foi-se embora e banza solitário no campo vasto do céu”<sup>20</sup>.

De acordo com Rodrigues (1979), Andrade estava muito decepcionado porque o brasileiro não possuía as virtudes que ele imaginava e possuía todos os erros e características do “herói” Macunaíma como: individualista, sem espírito coletivo, sem consciência política, malandro, debochado, anticristão, devorador e autofágico. Mas também tinha aspectos positivos, como suas críticas a desumanização e a avidez de riquezas que caracterizavam os civilizados, principalmente de São Paulo. O herói sem nenhum caráter visa a personificar a falta de caráter, o caos de moralidade e pitoresco do jovem Brasil, herdeiro ladino, mas ignorante, de todas as ideologias, de todas as culturas, de todos os instintos, de todos os costumes e músicas de diversas raças<sup>21</sup>.

Macunaíma não classificou sua obra como um romance, e sim como uma rapsódia, como mencionado anteriormente, em que é uma denominação dada para a compilação, numa mesma obra, de temas ou assuntos heterogêneos e de várias origens<sup>22</sup>. Caracteriza-se assim, pois Macunaíma possui uma variedade de motivos populares, assim como as rapsódias musicais. O processo musical da construção, como no estribilho “Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são”, tem o primitivismo do estilo poético das velhas narrativas heróicas.

Inspirado no folclore indígena da Amazônia, com as lendas e tradições das mais variadas regiões do Brasil, ele construiu um herói que encarna o homem latino-americano. Assim, Macunaíma é uma figura

<sup>20</sup> TUFANO, Douglas. Estudos de Literatura brasileira. 5. ed. rev. e amp. São Paulo: Editora Moderna, 1996. p.243-244.

<sup>21</sup> COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil – Era modernista, Vol. V, Estilos de época, Parte II, 6. ed., São Paulo: Global Editora, 2001. p. 291.

<sup>22</sup> Massaud Moisés, Dicionário de termos literários, São Paulo, Cultrix apud TUFANO, Douglas. Estudos de Literatura brasileira. 5. ed. rev. e amp. São Paulo: Editora Moderna, 1996. p.244.

totalmente fora dos esquemas tradicionais da prosa de ficção. Um personagem-caleidoscópico, que não é uma síntese, mas uma aglutinação de alguns possíveis tipos brasileiros<sup>23</sup>.

A linguagem utilizada na obra *Macunaíma* é uma língua colorida e fictícia, feita de todos os vocabulários e linguajares de todas as localidades do Brasil, sendo documentação e fonte para os estudos dos regionalismos da fala brasileira.

Coutinho (2001) utiliza uma citação de Manuel Bandeira em relação à audácia de Andrade em inovar a linguagem da literatura brasileira:

Foi preciso que aparecesse um homem corajoso, apaixonado, sacrificado e da força de Mário de Andrade, para acabar com as meias medidas e empreender em literatura a adoção integral da boa fala brasileira. Não cabe aqui discutir os erros, os excessos, as afetações da solução pessoal a que ele chegou. Aqueles mesmo excessos, aquelas mesmas afetações contribuíram para ferir as atenções, para promover reações e discussões, para focalizar o problema em suma<sup>24</sup>.

E para finalizarmos esse trabalho sobre esse grande escritor brasileiro, nada melhor do que mencionar as palavras ditas por Martins em homenagem a Mário de Andrade:

É impossível e evidentemente errôneo ver em Mário de Andrade um poeta que tivesse acidentalmente praticado outros gêneros, ou um crítico mordido pela ambição de criar. (...) Ele é sempre o mesmo, nos seus contos, nas suas críticas, nas suas poesias, (...) quaisquer que sejam os seus limites ou as suas limitações – é genuinamente o mesmo em todos os livros, em todas as páginas. (...) Mário de Andrade foi, (...) uma presença de homem, marcada pela sua afetividade, pelo seu riso bom, por aquela espécie de inocência angélica que nele observaram um dia. (...) Esse homem sensível e afetuoso arrostou a condenação dolorosa da família, dos amigos, de todo o mundo em benefício de uma idéia, da sua idéia, quero dizer, da sua autenticidade pessoal; é por isso que, no fundo, toda a sua obra não passa, afinal, de uma interrogação imensa. Interrogação que dele transbordava, que exigia uma resposta e que muitas vezes transferia para o campo comum dos debates coletivos<sup>25</sup>.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer além sobre esse grande escritor nos proporcionou conhecer um pouco mais sobre o nosso país, sobre sua história, seu povo, seus costumes. Com esses conhecimentos podemos perceber o porquê Mário de Andrade deseja tanto apresentar uma literatura totalmente nacional, uma Literatura do Brasil, pois o Brasil possui uma cultura riquíssima e deve ser muito valorizado por todos nós brasileiros.

Ao conhecer um pouco mais de Mário de Andrade, podemos perceber também o porquê da sua linguagem simples e inovadora presente em suas obras, em especial *Macunaíma*, uma obra muito diferente das outras vistas até o momento e que muito influenciou na busca pela mudança em nossa literatura.

Mário de Andrade foi uma pessoa muito querida por todos que o conheciam, muito prestativo e muito sonhador. Foi uma pessoa que serviu de exemplo para muitos outros escritores, não só de sua época, mas até os dias de hoje, onde seus pensamentos e idéias (não tem mais acento) ainda mantêm-se acesos.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil** – Era modernista, Vol. V, Estilos de época, Parte II, 6. ed., São Paulo: Global Editora, 2001.

MADEIRA, Angélica & VELOSO, Mariza. **Leituras brasileiras** – itinerários no pensamento social e na literatura. 2ª ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MARTINS, Wilson. **O Modernismo (1916 – 1945)**. Vol. II, 3. ed. at. São Paulo: Cultrix.

RODRIGUES, A. Medina; CASTRO, Dácio A.; TEIXEIRA, Ivam P. **Antologia da Literatura Brasileira – O Modernismo**, textos comentados, vol. II, São Paulo: Marco Editorial, 1979.

TUFANO, Douglas. **Estudos de Literatura brasileira**. 5. ed. rev. e amp. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

<sup>23</sup> RODRIGUES, A. Medina, CASTRO, Dácio A., TEIXEIRA, Ivam P. *Antologia da Literatura Brasileira – O Modernismo*, textos comentados, vol. II, São Paulo: Marco Editorial, 1979. p. 98.

<sup>24</sup> BANDEIRA, Manuel apud COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil – Era modernista*, Vol. V, Estilos de época, Parte II, 6. ed., São Paulo: Global Editora, 2001. p. 293-294.

<sup>25</sup> MARTINS, Wilson. *O Modernismo (1916 – 1945)* Vol. II, 3. ed. at. São Paulo: Cultrix. p. 236-237.